



SEÇÃO: ARTIGO

A passagem do poder disciplinar para a biopolítica em Foucault: breves notas

The transition from disciplinary power to biopolitics in Foucault: brief notes

Glauco Ferreira Silva¹

orcid.org/0000-0003-2009-0966
ferreiraglauco@gmail.com

Recebido em: 18 nov. 2020.

Aprovado em: 5 out. 2021.

Publicado em: 2 set. 2021.

Resumo: O presente estudo pretende, concisamente, pensar como a noção de poder surge na filosofia foucaultiana, apontando para os desdobramentos que essa ideia apresenta no pensamento do autor, causando deslocamentos e variações tendo como escopo o supramencionado conceito. O movimento que empregaremos neste estudo passa, portanto, por uma diminuta visita ao modo pelo qual as relações de poder são apresentadas pelo filósofo em diferentes momentos da sua produção, bem como suas implicações nas ideias de poder disciplinar, biopoder e biopolítica. Apontando seus pontos de intersecção e de distinção.

Palavras-chave: Foucault. Poder. Poder disciplinar. Biopoder.

Abstract: This study intends, concisely, to think about how the notion of power appears in Foucault's philosophy, pointing to the consequences that this idea presents in the author's thought, causing shifts and variations within the scope of the aforementioned concept. The movement that we will employ in this study, therefore, goes through a short visit to the way in which power relations are presented by the philosopher at different moments of his production, as well as their implications for the ideas of disciplinary power, biopower and biopolitics. Pointing out their points of intersection and distinction.

Keywords: Foucault. Power. Disciplinary power. Biopower.

Introdução

O tema do poder, ou melhor, das relações de poder surge, mesmo que de modo esparso e fragmentário, em toda a produção filosófica do pensador francês Michel Foucault (1926-1984), nos levando a mergulhar em suas análises e conseqüentemente em seus diagnósticos² quanto a sua noção de poder e seus conseqüentes desdobramentos. É nesta esteira, de pensarmos o poder como mote disparador para nosso estudo, que em um primeiro momento se deterá sobre o conceito de poder de forma mais geral em Foucault para em seguida nos debruçarmos sobre seus correlatos, tais como o poder disciplinar e o biopoder, para em seguida desaguarmos em



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, PI, Brasil.

² Assim, estamos pensando em consonância com a ideia surgida na obra *Foucault: a coragem da verdade*, organizada por Frédéric Gros, quando este citando Foucault diz que "Eu sou um diagnosticador do presente, gostava de dizer Michel Foucault para caracterizar seu empreendimento e inscrevê-lo à sombra de Nietzsche, o primeiro, segundo ele, a designar a atividade de diagnóstico como específica da filosofia" (GROS, 2004, p. 15). Notamos desse modo que a postura de Foucault se assemelha à de Nietzsche quanto a sua postura como intelectual, contudo Foucault reatualiza Nietzsche e imprime sua própria forma de filosofar.

uma interpretação, mesmo que propedêutica, da biopolítica. Entendemos estes últimos conceitos como credores da noção de poder para o filósofo francês, como a própria etimologia dos termos pode confirmar. Inferimos, desse modo, que o poder disciplinar e o biopoder se apresentam como categorias do poder, ou melhor, de relações de poder.³

Por conseguinte, com o termo *microfísica* entendemos exatamente esse emaranhado de relações de poder que se dão entre os sujeitos. Se essas relações são construídas historicamente então é lícito acreditarmos na existência de um fio que liga os conceitos, e nossa hipótese é de que há uma relação entre essas expressões de poder. Logo, se os homens e as culturas se modificam então o modo pelo qual essas relações de poder se dão também são atravessadas por forças que a metamorfoseiam, fazendo surgir uma perspectiva diferente. Nesses termos, como sabemos, o método empregado por Foucault, a saber, o método arqueológico, encontra-se filiado ao pensamento nietzschiano⁴ que prima pelo devir, pelo vir a ser constante das coisas. Quanto a essa relação entre o método arqueológico foucaultiano e o genealógico nietzschiano, Roberto Machado nos diz que:

Acredito mesmo que os deslocamentos metodológicos produzidos por Foucault em relação à epistemologia para criar sua arqueologia se devem, em grande parte, ao interesse por Nietzsche e sua problemática filosófica, bem diferente da dos epistemólogos a respeito da ciência, da verdade, da razão ou da modernidade [...] (MACHADO, 2005, p. 10).

Assim, a menção feita ao pensamento nietzschiano se dá por acreditarmos que o procedimento metodológico adotado por Foucault tem na genealogia uma ferramenta importante quanto à condução de sua analítica do poder. Dito de outro modo, para compreendermos a

arqueologia foucaultiana mostra-se indispensável à compreensão do método genealógico nietzschiano. A escola da suspeita nietzschiana produz em Foucault esse movimento de sacudir as evidências em direção a outra postura quanto aos saberes e a relação poder-saber. Temos, deste modo, uma arqueogenealogia⁵ do poder como ferramenta metodológica.

É por sabermos o quão complexas são as relações de poder pensadas por Foucault que traçaremos, mesmo que de forma breve, a distinção entre *poder disciplinar* e *biopoder*, para desse ponto, então, passarmos para as considerações acerca do modo como a *biopolítica* se apresenta na análise foucaultiana. Nosso intuito com tal distinção se dá por entendermos o *biopoder*, analisado pelo autor, como assumindo duas formas: se por um lado se apresenta como uma anátomo-política, ligada ao poder disciplinar, como veremos a seguir; por outro prisma constitui-se como uma *biopolítica* da população ligada a uma tecnologia reguladora da vida.

Além disso, no primeiro tomo da *História da Sexualidade*, Foucault nos informa, quanto a sua noção de poder, que: "o poder não é uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada" (FOUCAULT, 1999 p. 68). E essa situação estratégica que incide sobre o homem como ser vivo, ligado aos discursos jurídico-econômico denomina-se *biopolítica*, exatamente por se estender a todo um corpo social, ou população em um determinado território.

1 Desdobramentos da noção de poder em Foucault

Com o neologismo *biopoder*, o filósofo francês Michel Foucault pretende indicar um duplo mo-

³ Sobre as relações de poder em Foucault, Roberto Machado na introdução da *Microfísica do Poder* nos informa que: "Não existe em Foucault uma teoria geral do poder. O que significa dizer que as suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas dispares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa, é uma prática social e, como tal, constituída historicamente" (FOUCAULT, 1979, p. X).

⁴ Não buscaremos neste estudo nos determos com mais afinco na relação entre em Nietzsche e Foucault, contudo é notória e amplamente estudada essa relação. Se fazemos essa diminuta menção é com o intuito de entender o conceito de poder em Foucault.

⁵ Pode-se tomar como exemplo algumas pesquisas brasileiras desenvolvidas recentemente em diversas áreas das ciências humanas, que se utilizaram da nomenclatura 'arqueogenealogia' como referência à atividade desenvolvida por Michel Foucault, a saber: ALMEIDA (2004), COSTA (2012), BRUGGE (2010), NETO (2009), dentre outros.

vimento ligado a sua análise sobre a natureza do poder e de como este se irradia sobre os corpos dos indivíduos esquadrihando-os a partir da bifurcação conceitual entre a *anátomo-política*, ou poder disciplinar, e a *biopolítica*.⁶ Conceito esse que tem como contexto de seu surgimento a passagem do século XVII para o XVIII, momento em que assistimos sob a ótica foucaultiana a uma outra passagem: a do *poder soberano* para a sociedade disciplinar. Acontecimento esse em que o corpo do rei é substituído em grau de importância pelo da população que emergira no contexto da mudança do *poder soberano* para a sociedade disciplinar via revolução, de modo que como objeto de análise o filósofo aponta para as diversas instituições surgidas neste período, tais como: as fábricas, as escolas, as prisões. Os corpos dos sujeitos passam a ser o objeto de investigação em detrimento do corpo do rei. Entendemos, assim, o poder como uma forma de governar a vida, posto em prática no Ocidente a partir do século XVII.

Desse modo, no ano de 1978, Foucault, em um curso denominado Segurança, Território, População, estabelece como gatilho para suas análises a ideia de *biopoder*, anunciando-o como "o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder" (FOUCAULT, 2008, p. 3). Em obras como *A História da Sexualidade: A Vontade de Saber* (1976) e no curso *Em Defesa da Sociedade*, ocorrido no ano de 1976, Foucault pensa no modo pelo qual as sociedades ocidentais se transformaram, a partir do século XVII, tendo como cerne os processos biológicos operados pela figura do *poder soberano* como um dispositivo de regulação e de controle sobre os corpos. Deste modo, nesse movimento oferecido pela análise foucaultiana, temos a seguinte passagem, onde o filósofo esclarece que:

Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer pelo menos que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante o jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Nessa perspectiva, o *poder disciplinar* incide sobre os corpos individualmente, tornando-os, portanto, corpos úteis, docilizados, adestrados, prontos para exercer uma dada função com o máximo de eficiência possível. Em relação ao *biopoder*, entendemos que este liga-se à ideia de população tencionando a regulação e a padronização das massas. Ou seja, o *biopoder* pode ser percebido tanto em indivíduos particularizados, quanto sobre a vida dos indivíduos como membros de uma dada população, tal característica vai se acentuar na *biopolítica*.

Assim, entendemos que os corpos além de sujeitados são disciplinarizados com um fim obviamente predeterminado político/economicamente, de modo que para melhor compreender a noção de *biopoder* devemos ter em mente o que Foucault entende por disciplina, para este a disciplina trata-se da "[...] arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações" (FOUCAULT, 2014, p. 143). Em outros termos, o *biopoder* é parte da maquinaria do Estado moderno como estratégia de condução e controle dos corpos, e conseqüentemente das condutas que tem o poder disciplinar como eixo fundamental. Uma distinção que poderíamos oferecer entre o poder disciplinar e o *biopoder* é que o primeiro intervém sobre os indivíduos, enquanto o segundo trata de uma maquinaria voltada para os fenômenos coletivos atingindo-os, e por conseqüência afetando-os com uma determinada intencionalidade através da ideia de normatividade "que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer

⁶ Entendemos a *biopolítica*, neste estudo, como um conjunto de processos ou procedimentos voltados para o controle dos aspectos da vida biológica da espécie humana tais como: natalidade; mortalidade; longevidade; medições estatísticas e demográficas. Ou seja, estamos diante de uma nova tecnologia do poder.

disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Temos assim uma conceitologia oferecida pelo filósofo francês que permite que possamos compreender o poder disciplinar como balizador do *biopoder* e, conseqüentemente, este último sobre a *biopolítica*. Assim, a *biopolítica* e a disciplina não se excluem, pelo contrário, fazem parte do mesmo jogo conceitual que pretende entender como esses dispositivos de poder se relacionam com a vida e quais suas conseqüências. Portanto, apontamos para a importância de situar o diagnóstico acerca do poder disciplinar/normativo como fio condutor de tal problemática em consonância com Foucault quando este nos informa que:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é útil, e inversamente (FOUCAULT, 2014, p. 135).

A obra *Vigiar e punir* (2014) surge como um acontecimento ímpar na escrita de Foucault, e pretendemos, ao nos reportar a tal livro, assinalar a passagem do procedimento disciplinar no pensamento foucaultiano para a temática do *biopoder* surgida em textos posteriores do filósofo. O *biopoder* age sobre a vida moldando-a, utilizando-se da política como ferramenta para tal transformação, semelhante ao *poder disciplinar*.

Ademais, na obra *Microfísica do Poder*, ao discorrer sobre o poder disciplinar e sua relação com o *poder soberano*, Foucault nos alerta para uma particularidade deste ao tratar da mecânica do *poder disciplinar*, chegando a afirmar que:

Este novo tipo de poder, que não pode mais ser transcrito nos termos da soberania, é uma das grandes invenções da sociedade burguesa. Ele foi um instrumento fundamental para a constituição do capitalismo industrial e do tipo de sociedade que lhe é correspondente; este poder não soberano, alheio à forma de soberania, é o poder disciplinar (FOUCAULT, 1979, p. 188).

Logo, temos como primeira acomodação de um aspecto do *biopoder*, como estando ligado à ideia de *poder disciplinar*, enquanto na segunda

temos a *biopolítica* como uma segunda acomodação; voltada para os modos de governar e tendo as questões econômicas como vetor, daí seu alcance às massas.

Como sabemos, em Foucault, o termo poder indica uma relação, e no caso do *biopoder* essa relação associa-se aos corpos dos indivíduos por um processo de domínio e de manutenção desse domínio. A vida é, portanto, capturada e cooptada, passando a ser uma peça fundamental nos jogos do poder, que por sua vez transpassa toda a sociedade, se acomoda e igualmente assimila as mudanças ocorridas dentro do corpo social. A passagem que estamos enfatizando neste estudo diz respeito ao fato de que nesse jogo de força do poder novos procedimentos foram inseridos na passagem do *poder soberano* para o *poder disciplinar* e apontamos o *biopoder* uma técnica do poder oferecido por Foucault como umas das facetas surgidas com essa mudança que tem como uma de suas características mais marcantes o governo da vida em vigor desde o século XVII.

2 A biopolítica em Foucault

A *biopolítica* surge para Foucault com o Estado moderno, como um gerenciamento da vida das sociedades, momento este que nos deparamos com a distinção entre povo e população. Temos, desse modo, uma teia em torno da vida que expõe às técnicas utilizadas pela *biopolítica* como manobras pensadas exatamente com a intenção de administrar os corpos dessa população que emerge nesse contexto. A *biopolítica* se exprime através de tecnologias que passam a ter a vida como objeto de interesse, de interesse mercadológico que surge ligado à maquinaria jurídico-política com vistas à produção humana e a reprodução do capital; potencializando assim a capacidade de produção dos corpos. O corpo passa a ser forjado como uma mercadoria produtora de outras mercadorias. Nessa direção, Foucault, ainda na obra *História da Sexualidade*, no diz que:

Se pudéssemos chamar 'bio-história' as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de uma 'bio-política' para designar o que faz com que a vida e seus

mecanismos entre no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; não é que vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente (FOUCAULT, 1999, p. 105).

A *biopolítica*, portanto, tende não em governar somente indivíduos isolados, como no supracitado exemplo do *poder disciplinar*, mas situa-se naquilo que constitui a ideia de população. Neste sentido, surge uma nova configuração do poder que tem seu núcleo no homem enquanto ser vivo, isto é, esbarra em questões genéticas, econômicas, políticas e que em suma, se infiltra na vida e no corpo social manipulando os corpos através destes dispositivos. Assim, podemos entender a biopolítica como um exercício de controle e manipulação da vida que tende a retirar desta vantagem, ou, em uma lógica capitalista de relações de poder e lucro, além da garantia de controle e igualmente da manutenção do próprio poder. Temos, desse modo, diante de nós o homem máquina: uma ferramenta forjada e adestrada a serviço do capital.

É neste sentido que trazemos as ideias políticas foucaultianas à baila, posto que para ele: "As disciplinas do corpo a as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida" (FOUCAULT, 1999, p. 131). A *biopolítica* se assentaria, para o filósofo, nesse segundo polo, sendo que a *biopolítica* seria esse dispositivo de controle ou aperfeiçoamento dos corpos que age como estratégia de regulação dos mesmos. A maleabilidade dos corpos permite moldá-los e conseqüentemente utilizá-los de forma positiva, ou seja, eficaz, pois para Foucault: "O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares" (FOUCAULT, 1999, p. 89).

Ainda em *Vigiar e Punir*, Foucault nos dá uma pista desse novo tipo de poder que emerge no século XIX quando este afirma que em tal período foi criado o que se poderia chamar de "[...] uma economia global única" e "uma rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicações e movimento de bens, dinheiro e pessoas ligando os países desenvolvidos entre si e ao mundo não

desenvolvido" (FOUCAULT, 2016, p. 106).

Evidencia-se, desse modo, o que viríamos a chamar de globalização. E para um novo tipo de relações entre indivíduos do mundo todo seria necessária outra forma de governo. É deste modo que o capitalismo ocidental a partir de 1880 apresenta características como a redivisão territorial do mundo e a pluralidade de "economias nacionais" rivais, "protegendo-se" umas das outras. É nesse contexto que alguns dos dispositivos característicos da *biopolítica* se apresentam, sendo que, entendemos que há na modernidade um outro lugar para os litígios políticos e conseqüentemente para dispositivos outros ligados ao poder.

Ainda, quanto ideia de um tipo de poder que incide sobre a população, Foucault nos diz que

Uma das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da "população", como problema econômico e político: população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe. Os governos percebem que não têm que lhe dar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um 'povo', porém com uma 'população', com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência de doenças, formas de alimentação e habitat (FOUCAULT, 1999, p. 19).

A biopolítica gera efeitos que incidem sobre os indivíduos cooptando-os. Foucault fala sobre a relação entre saber e poder, posto que tais dispositivos de controle visam gerar sobre um determinado tipo de saber uma relação de poder. A biopolítica, desse modo, surge como sendo uma espécie de expressão ou alargamento da noção de biopoder que, como dito acima, tem como outro polo o poder disciplinar que também se utiliza desses dispositivos. Isso se dá talvez pela maleabilidade do conceito. Os argumentos elencados até aqui por nosso aporte teórico nos levam a algumas "definições" do poder em Foucault como algo positivo, no sentido de que o poder é algo que funciona, e que emerge das relações entre os indivíduos, ou seja, trata de "estudar os procedimentos e técnicas utilizadas em diferentes contextos institucionais para agir

sobre o comportamento dos indivíduos tomados isoladamente ou em grupo [...]” (HUISMAN, 2001, p. 391). Desse modo, acreditamos desnudar o caráter historicista da análise foucaultiana.

Em Foucault não existe uma teoria geral do poder, mas sim uma espécie de analítica do poder. É entendendo o poder como um conceito que se espalha em sua produção, que interpretamos a *biopolítica* como uma leitura dessas relações de poder supramencionadas. Não podemos esquecer que o âmbito político faz parte do escopo da investigação do autor sobre a *biopolítica*, exatamente porque se existe algo ao qual o indivíduo obedece é a lei e, esta, por sua vez coopta os mesmos sujeitando-os. É nessa esteira que o filósofo francês nos fornece a seguinte reflexão sobre os desdobramentos do poder que traçamos até aqui, quando nos diz que:

Em face de um poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito, - que é 'sujeitado'- é aquele que obedece. À homogeneidade formal do poder, ao longo de todas essas instâncias, corresponderia, naquele que o poder coage - quer se trate do súdito ante o monarca, do cidadão ante o Estado, da criança ante os pais, do discípulo ante o mestre - a forma geral da submissão. Poder legislador de um lado, e sujeito obediente de outro (FOUCAULT, 1999, p. 62).

Nesse viés, entendemos que uma das principais características da *biopolítica* é a cooptação das subjetividades, movimento este análogo ao que ocorre no *poder disciplinar* onde o corpo do indivíduo é docilizado e adestrado para exercer uma função. Acreditamos que a distinção entre esse procedimento e o *biopolítico* é a proporção, enquanto um age singularmente o outro se irradia atingindo um maior número de indivíduos. Tal ação se configura, por exemplo, quando pensamos no âmbito político, pela relação entre a sociedade e o Estado. O Estado encarna, nessa conjuntura, um tipo de tutela sobre a população. Estabelece mecanismos reguladores que são expressos através de normas que surgem como esse elemento que circula entre a disciplina e a regulamentação, podendo ser aplicada da mesma maneira a ambas. Quanto a norma, esta [...] pode tanto se aplicar a um corpo que se quer

disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar” (FOUCAULT, 1999, p. 302).

No texto *Em defesa da Sociedade*, o autor levanta vários questionamentos acerca da *biopolítica*: de como ela está ligada tanto à questão racial como a questões econômicas. E pensa quais as implicações que esse tipo de poder traria para a vida dos indivíduos em sociedade. Mas, ainda na *Microfísica do poder*, Foucault traz à luz o conceito de governamentalidade para exprimir um tipo de razão de Estado, que são técnicas de governo. É que isso nos faz pensar em tal governamentalidade como um dispositivo fundamental para entendermos os desdobramentos futuros de sua noção de *biopolítica*. É nesse sentido que o filósofo nos informa que:

Se o Estado é hoje o que é, é graças a esta governamentalidade, ao mesmo tempo interior e exterior ao Estado. São as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, etc.; portanto o Estado, em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais da governamentalidade (FOUCAULT, 1989, p. 292).

Analisar essas técnicas de governar a vida passa pela compreensão dessas técnicas de governamentalidade apontadas por Foucault, tema que o autor retomara de ângulos distintos em cursos futuros. Talvez por perceber que no jogo das relações de poder o Estado ocupa uma posição central por ser o objeto de disputa do poder.

Finalmente, na obra *Nascimento da Biopolítica*, Michel Foucault pensa acerca da ideia de Estado, e assim como o poder, tal conceito se apresenta de forma fugidia na teia de relações pensadas pelo autor. Nesse momento de sua produção o Estado é pensado do seguinte modo “[...] o Estado não tem entranhas, como se sabe, não só pelo fato de não ter sentimentos, nem bons nem maus, mas não tem entranhas no sentido de que não tem interior. O Estado não é nada mais que o efeito móvel de um regime de governamentalidades múltiplas” (FOUCAULT, 2008, p. 106). Se trazemos à baila esses dois momentos da produção foucaultiana é com o intuito de pensarmos que no jogo das relações de

poder imaginadas por este temos um elemento que não pode ser desconsiderado: a mudança constante de perspectivas sobre seu modo de pensar seus conceitos.

Considerações finais

Pensar as relações de poder em Foucault é sempre uma tarefa arriscada, exatamente por estamos nos debruçando sobre um autor tão múltiplo, complexo e encantador. Buscamos ao longo deste estudo apresentar, mesmo que de forma concisa, o modo pelo qual o tema do poder surge na filosofia foucaultiana. Nossa ênfase se deu, especificamente, sobre os modos pelos quais o poder surge na analítica do autor, e como ponto de partida fizemos algumas considerações sobre o modo como o poder surge em algumas obras do filósofo, justamente para em seguida pensarmos suas variantes; como o *poder disciplinar*, o *biopoder* e a *biopolítica*. Optamos por dividir este estudo em duas partes: primeiramente, nos detivemos sobre o poder e seus correlatos, apresentando o poder disciplinar e o *biopoder*; já em um segundo momento, nos debruçamos sobre a *biopolítica*, de modo a pensar esses conceitos de modo a compreender suas particularidades.

Entender a maquinaria do poder em Foucault mostra-se extremamente importante para caminharmos rumo a uma interpretação menos enviesada da proposta foucaultiana acerca das relações de poder, e neste estudo intentamos oferecer, a partir do aporte teórico utilizado, uma interpretação dos fenômenos que orbitam ao redor dessa temática. Como sabemos, as sendas abertas por Foucault, quanto a sua perspectiva política é imprescindível para pensar o que nos foi proposto. Assim, o pensamento oferecido pelo filósofo francês provoca outros autores a pensar o modo pelo qual os dispositivos de poder emergem na sociedade e a modifica.

Referências

- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GROS, Frédéric (org.). *Michel Foucault. A coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. Prefácio de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MACHADO, Roberto. *Foucault, a filosofia e a literatura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Glaucer Ferreira Silva

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, PI, Brasil.

Endereço para correspondência

Glaucer Ferreira Silva
Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, s/n
Ininga, 64049-550
Teresina, PI, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.